

AFETIVO E ACOLHEDOR: O PÁTIO EM UMA ESCOLA PÚBLICA

VALDOIR SIMÕES CAMPELO¹;

CHAYANE SILVA,

MARTA GASTAL

ESTEFÂNIA KONRAD²;

CRISTINA MARIA ROSA³

¹ Universidade Federal de Pelotas 1 – simoesvaldoir852@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – chayanea@outlook.com

Universidade Federal de Pelotas – martulines@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – estefaniakonrad@hotmail.com ²

³ Universidade Federal de Pelotas – cris.rosa.ufpel@hotmail.com

INTRODUÇÃO

No trabalho, revelo como um grupo de estudantes interviu no espaço escolar durante a realização de uma disciplina da Licenciatura em Pedagogia da FaE/UFPEL. O foco foi observar a gestão escolar, identificar pontos de intervenção e, em diálogo com a equipe da escola, resolver. O local em que ocorreu tal intervenção foi a Escola Estadual de Ensino Médio Fernando Treptow, que se localiza na periferia urbana da cidade de Pelotas - RS.

Ao contatar o ambiente escolar e observar as relações que ali se desenvolviam, tivemos o desejo de revitalizar o pátio, um dos locais mais apreciados pelas crianças e adolescentes que ali estudavam. Pretendíamos, com isso, intervir positivamente nas relações sociais entre todos.

De acordo com PARO (2016, p.37), é a “persistência do modelo hierarquizado e em desacordo com uma concepção democrática de prática pedagógica” que produz um descompasso com o “desenvolvimento histórico em outras áreas”. Nesse caso, de acordo com o pesquisador, a manutenção da hierarquia,

[...] parece denunciar precisamente a persistência também de um tipo de prática educativa que não logra realizar os objetivos de formação de personalidades humano históricas à altura do desenvolvimento histórico-cultural da sociedade (PARO, 2016, p.37).

METODOLOGIA

Para o trabalho realizado na escola, nos fundamentamos em alguns pressupostos da pesquisa-ação. Muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, de acordo com Thiollent (2002, p. 75), com a “orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em

condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico”, o que promoveria “condições para ações e transformações de situações dentro da própria escola”.

O aspecto inovador da pesquisa-ação se, deve principalmente a três pontos: caráter participativo, impulso democrático e contribuição à mudança social, de acordo com Jennifer Fogaça (s/d). Na matéria publicada sobre o termo, a autora recorreu a estudos de Adriana Nunes Vieira (2014), para quem, a Pesquisa-ação é

[...] uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando ela é colaborativa (VIEIRA, 2014, p.9).

No trabalho aqui selecionado, evidencio os procedimentos por nós adotados no Pré-Estágio e Estágio. Eles foram: **a)** visitas à escola; **b)** proposição de compartilhamento de nosso olhar sobre o observado; **c)** oficinas para revitalizar o espaço; **d)** realização do projeto, divisão do muro; **e)** avaliação do realizado. Para o trabalho endereçado à SIIPE, escolhemos: 1. Rever o realizado; 2. Considerar dentro da estrutura de um trabalho de extensão; 3. Escrever o resumo; 4. Submeter ao evento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da realização de oficinas para revitalizar o espaço do pátio, por meio de atividades coletivas entre estudantes, Escola e Universidade, um grupo de intervenções ocorreu. Inicialmente, com o objetivo de observar e analisar qual o meio no qual aquela escola estava inserida e como essa realidade repercutia nas relações ali estabelecidas. Assim, demos início ao projeto. Com o apoio da Direção, que disponibilizou tempo e material para as oficinas, a revitalização extrapolou a estrutura física. Para revitalizar o espaço, foi estipulado um cronograma: dois semestres. Um seria empregado para conhecimento da escola e da comunidade além da escrita do projeto. O outro, para a atuação. Ambos, com oito encontros cada.

Em “oficinas de desenho técnico” – uma forma encontrada para que os adolescentes aderissem ao projeto – foram produzidos desenhos que, posteriormente “tomaram” o espaço do pátio. Ministradas pelo estudante Emanuel Santos, Licenciando em Artes Visuais (ILA/UFPEL) – os adolescentes primeiro criaram e, depois, escolheram o muro lateral onde ocorre a entrada e saída dos estudantes na escola para a “aplicação” do projeto. O muro foi dividido em quatro partes, tendo, entre cada pintura, uma coluna. Na primeira, a pintura ficou voltada para a expressão AMIZADE e, nela, desenharam o ser humano e, harmonia com o meio ambiente. O segundo espaço foi ilustrado com logo da escola. O terceiro espaço foi ilustrado com o resultado da discussão e o aprendizado sobre MACHISMO. Nele, meninas e meninos, juntos, pintaram FORA MACHISTAS!, com as meninas pintando a escrita e os meninos na colaboração com as diferentes formas de letra e no quarto espaço ficou expressado a gratidão com uma pintura trabalhado em uma grade onde cada estudante pintou um quadro e escolheu uma cor para seu colega dando-o uma qualidade.

Percebemos, durante o desenvolvimento do projeto, que os estudantes passaram a se interessar mais pelo ambiente escolar. Ao término de cada oficina, realizamos escritas avaliativas, com foco em pontos positivos, negativos e sugestões. Ao discutirem sobre a comunidade e a cidade em que vivem, expressaram sua indignação com o descaso e abandono da comunidade. Relataram que a forma de viver, se vestir e o gosto por certos gêneros musicais os levaram a sofrer preconceito, repreensão policial e assédio. No muro interno dessa escola, hoje deixaram marcas gráficas indicando que amam a arte, a rua, a liberdade. E que almejam ser não apenas “mais um da vila”. O desejo por ser médica, ator, desenhista, entre muitas outras profissões, foi enunciado.

Durante uma das oficinas, na fase da expressão no papel, uma das estudantes, desenhou a seguinte frase, “FORA MACHISTAS”. Ao ver o desenho, uma das estagiárias questionou-a. A partir desse momento, não só ela, mas toda a turma ali presente pôde construir e passar a ter uma visão mais crítica de suas ações não só ali na escola, mas no cotidiano. Foi interessante como isso poderia afetar as relações com os demais presentes no dia a dia.

4. CONCLUSÕES

As oficinas de desenho, ministradas dentro do projeto de revitalização de um dos espaços da escola, ultrapassaram as expectativas de nosso grupo. O foco

do projeto foi observar e intervir em um espaço da escola utilizando o grafite como forma cultural, uma vez que ele é muito presente na comunidade na qual o educandário está situado. Porém, as discussões, as investigações e o diálogo que ocorreram durante, se tornaram base principal para a realização do projeto.

Na proposição, descobrimos estudantes sonhadores, com vontade de viver, prontos a não aceitarem a repressão social. Compreendemos que podem usufruir do espaço revitalizado para uma melhor formação como seres humanos e sociais.

Como avaliação consideramos, à época, o desenvolvimento dos diálogos, a convivência do grupo, a frequência e as sugestões apresentadas por eles. Um dos adolescentes expressou assim o momento: “Gosto de estar aqui. Pena que só tenho aula de manhã... Se tivesse outros projetos, daria mais vontade de vir para cá”.

Nesse relato ele enalteceu a importância de haver outros projetos para que possam desenvolver suas habilidades cognitivas, emocionais e sócio-afetivas. Melhor relacionando entre si para que possam a partir desse e de outros projetos se descobrirem como seres pensantes e capazes de se desenvolverem em uma melhor relação entre a arte e o Meio Ambiente.

Compreendemos, hoje, que a escola é um espaço de aprendizagem para além de seus muros. E, a extensão universitária, um caminho para aprender mais, além do currículo de formação da Licenciatura em Pedagogia.

Encerrando afirmo que: são estudantes que tem algo a dizer.

5. REFERÊNCIAS

PARO, Vitor. Crítica da Estrutura da Escola. São Paulo: Cortez, 2016.

FOGAÇA, Jennifer. Trabalho Docente: Pesquisa Ação. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/pesquisa-acao.htm>

THIOLLENT, Michel. Metodologia a pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1985.

VIEIRA, Adriana Silva da Silveira Nunes Vieira. Tecnologias da Informação e Comunicação no contexto escolar. ANPED Sul. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arg_pdf/1400-0.pdf